

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

“Uma viagem ao passado do Hospital Santa Catarina”

• Fábio S. Goffi

Conduzido pela benevolência dos votos de meus pares e pela indicação da diretoria administrativa, recebo das mãos do professor dr. Ruy de Carvalho o cargo de diretor do Hospital Santa Catarina com um misto de alegria e de apreensão. Alegria porque considero esta casa meu segundo lar, uma vez que nela ingressei há algumas décadas e dela jamais me afastei. Apreensão, pela importância da investitura e das atribuições que dela decorrem, pelos eventuais desafios que se antepõem, porém, mais do que tudo, pelo risco de deslustrar a obra dos que me antecederam.

Disse certa vez o vencedor da batalha de Londres durante a Segunda Guerra Mundial que “quanto mais longe conseguirmos divisar as cousas pretéritas, tanto maior será nosso alcance para ver e planejar o futuro”.

Por isso convido-vos para uma breve viagem ao passado, onde se encontram alguns dos marcos da grandeza do Hospital Santa Catarina. Este hospital foi inaugurado em fevereiro de 1906 como resultante do esforço conjugado de três pessoas esclarecidas e idealistas: a irmã beata Heinrich, o abade de São Bento, dom Miguel Kruse e o doutor Walter Seng, que foi o primeiro diretor da novel instituição.

Reverência na pessoa da irmã Beata a memória de quantas já nos deixaram, muitas das quais conheci pessoalmente. Irmãs Macrina, Ester, Edith, Inata, Martina, Cláudia, Virgília, Salésia, Matutina, Walburga e Rainildes são algumas entre tantas que dedicaram suas vidas à caridade e ao amor cristão, trabalhando com afincamento, dia e noite, para mitigar o sofrimento dos enfermos, contribuindo para elevar o conceito que o Hospital Santa Catarina sempre gozou. Aquelas que, mercê de Deus, conosco ainda convivem, transmito minhas saudações.

O doutor Seng, notável cirurgião vienense, discípulo de Gusenbauer na Clínica Cirúrgica da Universidade de Viena, foi figura exponencial da cirurgia brasileira nas três primeiras décadas deste século. Seu pioneirismo fazia-o buscar em suas viagens ao Exterior o que havia de mais moderno e avançado no campo da cirurgia e dos equipamentos hospitalares. Seu prestígio fez reunir no Sanatório Santa Catarina vários cirurgiões ilustres, entre eles Arnaldo Vieira de Carva-



Fábio S. Goffi, na posse como diretor clínico do Hospital Santa Catarina

lho, fundador da Faculdade de Medicina.

Seu desaparecimento prematuro em 1931 conduziu ao cargo de diretor clínico da instituição o professor João Alves de Lima, catedrático de Clínica Cirúrgica na Faculdade de Medicina. Este, nascido em Piracicaba, formou-se em Medicina em Paris, sendo, por isso, francês até a medula dos ossos. Segundo Rubião Meira, Alves de Lima operava com rapidez e acerto, diagnosticava com precisão e tinha encantos que seduziam a clientela. Autor de várias publicações importantes, faleceu em 1934, ainda como diretor do Sanatório Santa Catarina.

Substituiu-o o professor Benedito Montenegro, também catedrático na Casa de Arnaldo, primeiro de técnica e depois de Clínica Cirúrgica. Montenegro foi um desbravador da cirurgia do aparelho digestivo no Brasil, tendo transformado o Sanatório Santa Catarina num centro irradiador de conhecimentos nesse setor e de convergência dos cirurgiões do País e da América Latina, que aqui vinham para aprender e acompanhar suas intervenções. Figura impar essa de Benedito Montenegro: homem insinuante, bem apessoado, senhor de si, sabia impor-se diante dos circunstantes, não pela jactância, mas pela firmeza de suas palavras e de seus gestos. Afastou-se espontaneamente da diretoria do Hospital Santa Catarina para, já em idade propecta, dedicar-se a atividades agropastoris e gozar de merecido repouso.

Cedeu lugar ao doutor Décio Pacheco Pedroso, filho do professor Alexandrino de Moraes Pedro-

médico precisa tanto deste humanismo como a terra seca necessita de água. Sem ele ninguém consegue ser verdadeiramente um médico. Eurico Bastos foi, de modo integral, sacerdote da Medicina, professor de Cirurgia e mestre de humanismo.

Por último, assumiu a Diretoria Clínica, eleito por seus pares, o professor Ruy Dahas de Carvalho, que cumpriu quatro anos de mandato altamente profícuo em duas gestões consecutivas. Graduado no Rio de Janeiro, dirigiu-se logo aos Estados Unidos, onde, em prolongado estágio, consolidou sua formação de especialista. De lá trouxe não somente sólidos conhecimentos e experiência prática na área da Neurocirurgia, mas fez vir também sua simpática esposa, companheira de todos os dias. De pronto ligou-se à Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, onde galgou os degraus da carreira docente, conquistando o cargo de professor titular de Neurocirurgia. Seu caráter reto, pautado por rígidos princípios éticos o tornou respeitado por todos. Profundo conhecedor dos regulamentos do Corpo Clínico, obteve aprovação unânime de suas propostas para o aperfeiçoamento daquele documento. Graças ao descortino e compreensão da reverenda irmã Lia, conseguiu a instalação no Hospital Santa Catarina de equipamentos sofisticados para o diagnóstico por imagem, para a anestesia computadorizada e endoscopia digestiva. O hospital conta hoje com um atuante Serviço de Prevenção de Infecção Hospitalar, que fez reduzir os índices de infecção para menos de 1%. A existência de excelentes serviços de Hemoterapia e de Patologia Clínica, bem como um exemplar Departamento de Enfermagem, justifica a consecução do selo de qualidade fornecido pela Associação Paulista de Medicina e pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo.

Vejam, prezados senhores e senhoras, reverendíssimas irmãs e colegas, as razões dos meus sobressaltos ao assumir o honroso cargo de diretor clínico deste hospital. O Hospital Santa Catarina, cuja finalidade primeira é prestar assistência médico-cirúrgica de alto padrão aos seus usuários, tem, como foi exposto, uma tradição e, diria mesmo, uma vocação para o ensino da cirurgia e formação de jovens profissionais em suas três dimensões: cognitiva, psicomotora e comportamental.

Portanto, defenderei a criação de um Centro de Estudos, com a ampliação e incentivo da atual Comissão Científica, prestigiando convênios com entidades associativas científicas.

A admissão de novos membros do Corpo Clínico, que hoje já passa pelos crivos do Conselho Médico e das Diretorias Clínica e Administrativa, poderá ter sua tramitação mais objetiva e impessoal, através de questionários que informem sobre o grau de conhecimentos teóricos, sobre o adestramento profissional e, mais do que isto, sobre a conduta ética dos candidatos.

As Comissões Assessoras, que tantos e bons serviços têm prestado, devem ser constantemente prestigiadas. A tecnologia de ponta e os modernos avanços da Medicina de hoje, dentro das possibilidades e com a concordância da Diretoria Administrativa, devem ser progressivamente incorporados à nossa instituição. Não devemos nos esquecer, no entanto, de levar em conta o custo/benefício na utilização destes equipamentos em vista da desmesurada elevação dos preços da assistência médica. O encarecimento dos serviços médicos tem sido um dos fatores de desprestígio da nossa profissão.

As equipes de pronto-atendimento, já estruturadas pela última diretoria e algumas em plena atuação, têm que ser incentivadas e racionalizadas. Elas contribuirão para o aperfeiçoamento da assistência médica no Hospital, além de servir para o melhor entendimento entre os integrantes do Corpo Clínico. Nesse particular a Comissão de Convênios deverá ter marcante participação.

Como diretor clínico lembrarei sempre que é preciso não esmorecer para não desmerecer. Procurarei despendar todo o meu esforço para não afastar-me das coordenadas traçadas pelos meus antecessores. Para tanto ofereço toda a colaboração à Diretoria Administrativa na pessoa da reverendíssima irmã Lia. Ao mesmo tempo conclamo os membros do Conselho Médico agora empossados, os integrantes das Comissões Assessoras, a todos os participantes do Corpo Clínico para que, num esforço conjunto, possamos manter o alto conceito que goza o Hospital Santa Catarina e, se possível, elevá-lo ainda mais.

*Discurso de posse de Fábio S. Goffi como diretor clínico do Hospital Santa Catarina, em 20 de maio último.

A Psiquiatria

* Paulo Fraletti

Em 1962, ao promovermos as comemorações do 20º aniversário do Centro de Estudos Franco da Rocha, convidamos o dr. Mário Yahn para conferencista da sessão solene.

Disse Yahn, em sua conferência, que ao entrar para o corpo clínico do Hospital de Juqueri, nos anos 20, a Psiquiatria era uma especialidade ordenada, bem comportada, dominando-a o espírito sistemático de Kraepelin e outros grandes psiquiatras da Alemanha, França e Itália, mas, àquela altura (início dos anos 60, quarenta anos após), ela estava um caos. Se essa era a situação em 1962, qual será a de hoje, decorridos trinta anos mais? Uma tragicomédia. Tragédia, pelos conceitos e personagens, e comédia pelos incidentes e desenlaces.

Tomando conta da cena, o movimento contracultural do mundo invadindo todos os setores da atividade humana, de início sub-repticiamente e, em fase posterior, de forma mais ostensiva, sendo um dos setores preferidos da Medicina, na área da Psiquiatria, com os conceitos, dentre outros, da causa social da loucura e o conseqüente fechamento dos hospitais psiquiátricos, que insistem em designar de "manicômios", para acentuar o aspecto de humilhação do doente e facilitar a vitória da contestação, mais político-ideológica do que médico-científica. É o que designam de desinstitucionalização dos doentes mentais.

Conseqüência direta foi o esvaziamento do Juqueri. De 13.331 internados, no dia de nossa posse como diretor-geral, em 11.1.1971, restam, segundo informes que nos chegam, apenas 2.800 doentes. E, isso, numa cidade nosocomial que contava com um hospital central para agudos (com nove imensos pavilhões, alguns deles especializados), com 8 hospitais-colônias para crônicos, com um manicômio judiciário, com um pavilhão-escola para menores, com um hospital de clínicas especializadas, com dois grandes laboratórios (clínico e anatomopatológico) e com uma farmácia-laboratório, que deixamos concluída e acabaram transferindo, este, para a administração federal.

Desativaram quase tudo, a começar pelo setor da grande laboratório (agropecuária e artesanato). Desorganizaram repartições notáveis como o museu de anatomia patológica de Walter Maffei, renomado chefe da escola de anatomopatologia do grande hospital, bem como desestabilizaram o museu histórico, que tanto trabalho nos deu, ao dr. Ubrajar Russiano e a mim, para a sua instalação. Transferiram o Manicômio Judiciário para a Secretaria da Justiça e instalaram suas dependências em uma simples colônia (a quinta), usando o prédio para sede de uma penitenciária. Despiram um santo para vestir outro. Cederam a Fazenda Cristais para a instalação de uma comunidade de oligofrênicos,

à maneira das existentes em Israel, e permitiram, segundo nos conta, que fossem invadidos uns cem alqueires de suas terras. Como forma de "psicosocioterapia" instituíram o namoro entre internados, do que resultou em mulheres grávidas, sem que se tivesse atinado para os aspectos moral e legal de tão estranha medida.

Na Secretaria da Saúde foi extinta a Coordenadoria de Saúde Mental, ou melhor, substituída por uma simples assessoria, e ocupada por uma psicóloga, não passando o ato de um escárnio aos psiquiatras de São Paulo. Menosprezaram 156 anos (1828-1984) de esforços da assistência aos alienados e 91 anos (1893-1984) do notável trabalho de Franco da Rocha. Algumas das novas formulações poderiam ser aceitas, mas enfrentadas de modo não tão dissonante. Outro ponto de vista apregoadado pela antipsiquiatria (se bem que não seja idêntica) é o do tratamento psiquiátrico em hospitais gerais e seus prontocorros.

Reportagem em jornal de São Paulo, de algumas semanas, sobre o Pronto-Socorro do Hospital Municipal Waldomiro de Lima, da zona Leste, que serve de referência a tratamento de doentes psiquiátricos, com capacidade para dezoito doentes de todas as especialidades, contava, no entanto, com trinta leitos nos corredores. Dos 48 doentes, segundo o diretor, dr. Jairo Karan, 40% eram doentes mentais, que, de acordo com os médicos, chegavam a 60%. Os doentes, no Pronto-Socorro, não são separados e, na enfermaria, só oito leitos são disponíveis à Psiquiatria.

O atendimento aos doentes gerais — afirmam — seria melhor se o hospital fosse descongestionado dos casos de Psiquiatria. O setor é dos mais críticos, embora o número de médicos seja o ideal. Para solucionar a mistura há uma ala em construção.

A coordenadora do Programa de Saúde Mental, da Secretaria Municipal de Saúde, dra. Carmem Silva Mazelli, concordou que a situação no Hospital de Itaquera é crítica, e declarou: "A Medicina moderna tem como filosofia não tirar o atendimento aos doentes mentais dos hospitais e prontocorros gerais mas, no caso da observação em pronto-socorro, o adequado é que doentes com diferentes patologias estejam separados." E acrescentou: "Não pretendemos separar os doentes mentais, mas, para que eles próprios tenham melhor tratamento, precisam ficar em locais específicos". O atendimento em hospital geral é necessário, segundo sua avaliação, "porque há mais estrutura para exames clínicos e neurológicos, o que facilita o diagnóstico e o melhor atendimento".

E de se exclamar: Viva o antigo Juqueri, que tinha todos os meios! Outra alternativa à internação, apregoadada, é a do tratamento em ambulatório. É coisa velhíssima. Em São Paulo já existia desde os anos 30 (Clínica Psiquiátrica do antigo Departamento de Assistência a Psicopatas), e fomos nós a instalar o primeiro em hospital públi-

co, no Juqueri, e sem verba especial, em 5 de abril de 1972. De abril a novembro desse ano (sete e meio meses), realizamos 2.168 consultas, evitando de internar 1.248 doentes. A prática psiquiátrica, em ambulatório, nada tem a ver, pois, com as idéias antipsiquiátricas.

Outro fator a aumentar a confusão na área da Psiquiatria é a inflação de psicólogos e alguns outros paramédicos. São oito mil ou mais psicólogos anualmente. Uma verdadeira inflação de profissionais com um reduzido mercado de trabalho. Daí a invasão da área psiquiátrica e, também, já de outras áreas médicas. Não foi sem razão que, na Argentina, foram proibidas de funcionar as Faculdades de Psicologia por algum tempo.

A própria imprensa (jornais e revistas) e televisão acabaram por fazer coro com a antipsiquiatria, solicitando entrevistas e depoimentos, ou a presença na TV, de maior número de psicólogos do que psiquiatras. E dando opinião até sobre psicoses e doentes mentais criminosos.

Foi o que se verificou com o caso do Peukert, que em homicídio continuado assassinou pai, mãe e três irmãos; com o caso da rua Cuba, cujo filho teria matado os pais, e, com o caso do Constantino, que também cometeu parricídio e matricídio, e mais os casos do seqüestro seguido de cremação do cadáver da menina Miriam, em Belo Horizonte, e o da morte da atriz Daniella Perez, pelo casal Guilherme — Paula de Pádua, no Rio de Janeiro.

Os três primeiros casos com morfologia delitiva e motivação semelhantes e, nos cinco, ao que tudo indica, todos os réus, portadores de "psicopatia" (personalidade psicopática). No caso da Daniella, só numa reportagem opinaram inúmeros psicólogos. No do Constantino ("Folha de S. Paulo", 9.2.93), um psiquiatra para três psicólogos, sendo que um deles se intitulava perito judicial. Ainda bem que o delegado incumbido do inquérito requereu logo de início exame de sanidade mental por psiquiatras.

Sobre a mulher que assassinou o psiquiatra Bernardo Blay Neto, um psicanalista chegou a dizer a um jornal que se fosse na Idade Média a ré seria uma nova Santa Tereza d'Ávila! Nenhum psiquiatra, que saibamos, opinou.

Todos, depoimentos baseados em interpretações, isto é, em hipóteses (suposições) psicanalíticas e psicológicas. Mas a interpretação é, tão-somente, um dos três métodos de estabelecimento de diagnóstico, segundo Jaspers. Existem, porém, outros dois, o de compreensão e o de explicação. A compreensão, de base psicológica compreensiva, quando há evidência entre o ato delitivo e motivação consciente e, a explicação, quando a causa é material (biológica, inclusive organogenética). Este, aplicável no caso da cliente do dr. Blay, pois ela declarou à polícia que com ele se comunicava por telepatia e por telepatia chegava a ter orgasmos, além de, pelo "mesmo meio", descobrir que ele se comunicava com ou-

tra(s) mulher(es), traíndo-a. Caso típico de delírio erótico (em terminologia francesa) também designado de delírio de influência (pelos alemães). A causa é puramente material (biológica, orgânica, endógena). Não cabe especulação psicológica nem psicanalítica, pois é científico-explicativa, logo, método próprio da Psiquiatria Clínica e Forense.

As leis são claras, dois profissionais por mais que visem o mesmo objeto (a pessoa com distúrbios psíquicos), não podem agir na mesma área, isto é, ter o mesmo objetivo (exame, diagnóstico e tratamento). A psicologia clínica foi estruturada para servir como auxiliar da Medicina, e não como atividade autônoma, a não ser naquilo que lhe compete.

O setor da Psiquiatria forense não se acha menos conturbado que o da Psiquiatria clínica. E paralelamente a ambas, a contracultura infiltrada na Ciência Jurídica e na Ciência Criminal, através da Criminologia Crítica e do Direito Alternativo, neste, achando esses juízes, que os réus devem ser julgados segundo critério de cada um (subjetivos) e não de acordo com orientação positiva, consubstanciada na lei penal.

As leis penais se tornam cada vez mais brandas. O Manicômio Judiciário retirado de ambiente psiquiátrico e transferido para local sem a estrutura própria do antigo edifício. As perícias de sanidade são menos solicitadas, já que a tendência é ver todo réu como normal e responsável. Daí o aumento de anormais nos presídios e as suas conseqüências: fugas, conflitos e motins com mortes e destruição de institutos penais (penitenciárias, detenção) e distritos policiais. Basta um anormal ("psicopata") para conturbar todo um ambiente presidiário. Era o que também causavam nos hospitais psiquiátricos gerais, uma das razões que levaram a criação, em muitos países, de Manicômios Judiciários e Casas de Custódia e Tratamento.

Para agravar a situação, a lei de Execução Penal, de 1984, não mais permite que psiquiatra seja diretor do Manicômio Judiciário. Segundo o artigo 75, só podem dirigi-lo o portador de diploma de nível superior de Direito, Psicologia, Ciências Sociais, Pedagogia e Serviços Sociais, menos em Medicina (Psiquiatria). Além do menor valor com que foi tido o psiquiatra, quem fez todo o desenvolvimento e renome do Manicômio, ainda há o desinteresse a que tem levado a procura da especialidade e seu ensino...

Não foi sem razão que o "Estado de S. Paulo", em "Notas e Informações", de 12 de janeiro último, referindo-se à lei de Execução Penal, dizia: "Suavizou de tal maneira a condenação que a tornou praticamente inócua."

Uma das causas de tal confusão é a falta de orientação metodológica do ensino e a tendência do Estado a confiar os problemas da saúde mental a convênios e particulares, facilitando a invasão da área psiquiátrica a todo tipo de profissio-

nal. Assim como os antipsiquiatras que falam em alternativas a Lacan, Szaaz, Laing, Basaglia e tantos outros, os próprios psicólogos se referem a "linhas" (Freudiana, Kleiniana, Junguiana, Adleriana, Bionniana etc., etc.).

A Psiquiatria francesa pode não ter orientação diagnóstica-prognóstica (que complica para facilitar); é essencialmente descritiva, mas é coerente; já a americana, com o not diagnóstico at all e a avaliação da intensidade de certos quadros clínicos em percentagens, chega a ser um achincalhe à Medicina empírico-científica e à científico-experimental. E o que, ironicamente, designamos de "avaliação métrico-diagnóstica".

Certa ocasião veio a São Paulo um psiquiatra falar sobre psicose maniaco-depressiva. Para calcular a intensidade do quadro, não se valia ele do critério subjetivo de avaliação, baseado na objetividade dos sintomas de maior ou menor gravidade, como o perigo do suicídio na depressão, ou a prodigalidade, na mania, mas no cálculo percentual dos sintomas, por exemplo, até 30%, depressão, ou mania pouco intensas... Critério igual usam certos psicólogos, como aquele que ("Veja", 10.2.93), falando da mãe de Daniella Perez e o grau de seu estresse, media-o segundo a tabela (de 0 a 100) da Associação Americana de Psiquiatria. A perda de um filho, pela mãe, as grandes catástrofes naturais (terremotos, inundações) e sociais (guerras), e quando a morte e a destruição se generalizam são fatores graves. A morte trágica, inesperada, tem grau máximo de estresse — 100. O importante, que é a reatividade dos diferentes tipos de personalidades, não é levado em conta. E de fazer rir. Só mesmo de psiquiatras estadunidenses.

E para que maior exigência diagnóstica, se de muitas áreas (dos Estados Unidos, da Psicologia, da Psicanálise e da Antipsiquiatria) referem-se a diagnósticos como "rotulos", esquecidos que tanto em propedêutica médica como em propedêutica psiquiátrica todo o raciocínio gira em torno da busca do diagnóstico, que é o básico na orientação da terapêutica, como já apregoava Hipócrates em seu celebre aforismo: só trata bem quem bem diagnostica.

Pior que isso só a divulgação da Medicina nas televisões e nas rádios. Há dias que se vê mais Medicina nos meios de comunicação do que nas Faculdades, hospitais e consultórios. Só na noite de 11 de fevereiro último, assistimos a dois longos e cansativos programas sobre enxaqueca e menopausa. Péssimos. E quando os próprios médicos contribuem para o desprestígio da Medicina e, não raro, incorrem em deslizes éticos.

Se Yahn achava, em 1962, que a Psiquiatria estava um caos, e nós mesmos dissemos de início que, atualmente, se assemelha a uma tragicomédia, poder-se-ia, como já fez um ironista, compará-la a uma zona de prostituição, na qual toda pessoa se acha com o direito de entrar.

atualmente

Felizmente, tais coisas não acontecem só no Brasil, pois a maioria delas vêm lá de fora, e muitas delas são, talvez, até, piores do que no Brasil! Na Itália, Cicciolina, uma prostituta naturalizada, personagem de perversões sexuais em revistas pornográficas e artista pornô de sexo explícito, acabou — à custa da exibição do seio nu — sendo eleita para o Parlamento italiano. De prostituta psicopata ostentativa à onorevoluta deputada!

Na Holanda, a aprovação da lei da eutanásia. É verdade que, sem que o médico tenha a prerrogativa, o direito de decidir. E "só em pacientes terminais que sofrem dores insuportáveis e pedem para morrer". Absurdo médico-jurídico. Que capacidade de autodeterminação pode ter uma pessoa dominada pela dor, ou sob ameaça da volta da mesma, se a dor tira a lucidez de consciência?

Nos Estados Unidos da América do Norte, a séria divergência sobre a admissão dos homossexuais no Exército. Falta de tato do então candidato a presidente — Clinton — transformando um delicado problema médico-psiquiátrico e sócio-familiar (educacional) em problema político-reivindicatório. Primeiro, conseguiram retirar da classificação de doenças mentais o homossexualismo, por acharem os

portadores de tal manifestação e seus defensores que era uma discriminação. Agora, o que desejam é, através da admissão franca nas Forças Armadas, não o desejo de profissionalização pura e simples, mas a oficialização da homossexualidade.

Para terminar as citações, o caso de Israel, em cujo Parlamento uma deputada — Yael Dayan —, filha do herói da Guerra dos Sete Dias, cometeu o ato mais trágico de todos. Abraçando a causa dos homossexuais e na procura de argumentos que justificassem os direitos dos mesmos, Yael não titubeou em tentar desfazer a fama de masculinidade e virilidade do grande rei Davi, atribuindo-lhe manifestações homossexuais ao citar trecho de uma sua elegia que revelaria seu amor por Jônatas, filho de Saul, primeiro rei de Israel. Elegia essa dedicada a ambos — Saul e Jônatas —, mortos na última batalha contra os filisteus. Este é o trecho da elegia (canto fúnebre), citado pela deputada: "Estou desolado por ti, Jônatas, meu irmão! Foste tão querido a mim, / teu amor a mim mais querido do que o amor de uma mulher".

Se o jornal não traduziu mal, como fez má disposição dos versos, sem barras separando um do outro, como se fosse prosa, ao certo a de-

putada truncou o canto, como iremos mostrar. Antes disso, porém, devemos lembrar que Davi, além de vencedor da guerra simbólica contra Golias, foi herói guerreiro, unificador das tribos do país, grande administrador e, sobretudo, notável poeta, só ultrapassado pelo seu genial filho, Salomão, talvez, sua maior glória e, além do mais, um amoroso surpreendente. Tinha várias esposas, conforme o costume poligâmico da época: Aquinoan, Abigail (viúva de Nabal), Hagit, Maaca, Micol (filha do rei Saul), Betsabéia (mãe de Salomão), e dentre outras do seu harém, a belíssima Absisga de Sunam, favorita em sua velhice, que Vitor Meireles, um dos maiores pintores do Brasil, immortalizou num dos seus mais belos quadros.

Davi foi músico também. E era quem tocava harpa para amenizar as crises depressivo-paranóides do rei. Foi, pois, pelos seus sucessos e qualidades adotado como filho pelo rei Saul. Era, portanto, irmão de criação de Jônatas. Tornaram-se amigos e tinham, um pelo outro, afeição de irmãos, tanto que era Jônatas que o defendia, escondendo-o, nas vezes que Saul tentara matar Davi, temendo-o como corrente ao poder, tanto se fizera amado do povo. Derrotados os israelitas, na última batalha contra

os filisteus, morreu Jônatas em combate e Saul se suicidou.

Possuído de sincero sentimento de pesar, compôs Davi, em louvor a ambos, o canto fúnebre que vem no livro II dos Juizes (capítulo 1, 17 a 27), com sentido totalmente diferente do que disse Yael Dayan, e de biblias com o nehil obstat da Igreja. Em tradução do padre Matos Soares (Pia Sociedade de São Paulo; São Paulo — Rio, 1945), eis o trecho:

"Choro por ti, ó meu irmão Jônatas, o mais gentil, e mais amável que o amor das mulheres. Eu amava-te como uma mãe ama o seu filho único".

E esta é a tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo (Edição Paunapé, São Paulo, 1979):

"Como caíram os fortes no combate? Como foi morto Jônatas nos teus montes?"

Por ti me encho de mágoa, meu irmão Jônatas, o mais gentil, e o mais amável sobre as mais amáveis das mulheres. Eu te amava bem como uma mãe ama o seu filho único."

As duas traduções são totalmente diferentes das palavras usadas pela deputada. Amor a Jônatas "como uma mãe ama o seu filho único", nada tem que permita a Yael alterar para "teu amor a mim

mais querido do que o amor de uma mulher".

Honorabilidade é, dos sentimentos de valor, um dos mais elevados na hierarquia dos valores éticos, e que deveria estar na mente de todos os homens, principalmente dos políticos.

Não queremos terminar sem deixarmos uma referência ao recente falecimento de dois colegas: o dr. Bernardo Blay Neto e o dr. José Ferraz Sales. Sales será homenageado dando o seu nome a um dos Centros de Saúde da Capital, por proposta de um deputado.

Foi uma grande satisfação estarmos aqui no dia de hoje, matando saudade, lembrando nossos ideais e procurando continuar lutando por uma real política de saúde mental. A idéia é a iniciativa de Edmundo Maia merecem o nosso elogio. E seria louvável que tornasse a se repetir, como hoje, num local como o desta renomada Clínica, para cuja organização Edmundo contou com a colaboração de sua simpática esposa, senhora Julietinha Maia. Só nos resta dizer: parabéns e muito obrigado.

* Discurso proferido em 13 de fevereiro último, na Clínica Maia, durante almoço promovido pelo prof. Edmundo Maia, em encontro dos antigos médicos do Núcleo Hospitalar de Juqueri.

Professor Ivo Bandi

Um sábio da Toscana na Paulicéia do início do século

* Dulio Crispim Farina

Em 1903, o dr. Inácio Wallace da Gama Cochrane, engenheiro, juntamente com os drs. Azurem Furtado, Bettencourt Rodrigues, Ivo Bandi e Ulisses Paranhos, foi participante da fundação, na cidade de São Paulo, de magna instituição, o Instituto Pasteur. Tinha como finalidades: o tratamento preventivo da hidrofobia e, implicitamente, a preparação da vacinação antirrábica, ministrada de maneira graciosa: preparo de soros (antidiférico, antipestoso, antitetânico, anticarbunculo e outros), de vacinas (anticarbunculo e antirrábica), da tuberculina e da malária. Incluía a manufatura de cursos de Bacteriologia Geral, de técnica Bacteriológica, de Microscopia aplicadas à clínica e a higiene, além de um curso especial de inspeção anônima. Tinham primazia também o estudo das moléstias tropicais, particularmente as que endêmica ou epidemicamente reinavam em São Paulo, e a publicação de uma revista trimestral, órgão oficial do Instituto. Era pensamento a fundação de filiais noutros pontos do Estado, sempre que possível e necessárias.

O primeiro Conselho Diretor ficou assim constituído: presidente, dr. Inácio W. Gama Cochrane; vice-presidente, dr. Matias Valadão; 1º secretário, dr. Alberto Seabra; 2º secretário, Alberto de Menezes Borja; tesoureiro, desembargador José Maria do Vale.

Assinaram os estatutos, em outubro de 1903, mais os seguintes: drs. Bettencourt Rodrigues, Arnaldo Vieira de Carvalho, Paulo Bourroul, Azurem Furtado, Roberto Hottinger, Ulisses Paranhos, Ivo Bandi, Pedro Batista de Andrade e os srs. Francisco Matarazzo,

Guilherme de Andrade Villares e Clemente Vuono Netto.

No dia 5 de novembro de 1903, em seu consultório localizado à rua 15 de Novembro nº 22, o dr. Bettencourt Rodrigues aplicou pela primeira vez a vacina anti-rábica "descoberta pelo imortal Pasteur, de saudosíssima memória, em proveito da humanidade e glória à ciência" (segundo o primeiro relatório da diretoria do Instituto Pasteur de São Paulo, pág. 3, Tip. Espindola Siqueira & Cia., São Paulo, 1904).

O dr. Bettencourt Rodrigues, médico português, aqui radicado por motivos políticos, foi, ao iniciar-se a década de 20, ministro das Relações Exteriores em seu país. Escreveu um livro do mais alto interesse para as relações entre Portugal e o Brasil: "Uma Confederação Luso-Brasileira", publicado em 1923 (Livraria Classica Editora, Lisboa).

A 20 de novembro de 1903, a diretoria adquiriu, pela quantia de 40 contos de réis, o prédio localizado à avenida Paulista nº 224, "situado em lugar ameno e aprazível, com vastas acomodações". E ali a sede definitiva do Instituto, adaptada de forma conveniente, foi inaugurada solenemente. A primeira diretoria ficou constituída pelos próprios membros do Conselho Diretor, já citados, salvo em relação ao cargo de 2º secretário, que passou a ser exercido pelo dr. J.J. de Nova.

Na presidência, até falecer em 1912, continuou o dr. Cochrane, com os mesmos companheiros, exceto o dr. Matias Valadão, substituído na vice-presidência pelo dr. Bettencourt Rodrigues. O dr. Cochrane, em 1909, aos 73 anos de idade, deixou o serviço público ativo, aposentando-se como diretor das Obras Públicas do Estado. Fora presidente da Câmara Municipal de Santos, e, ao se

lembrar dos terrenos denominados Saibó para novo cemitério, entendia serem apropriados "não só por sua proximidade à cidade, como por sua topografia, formando recôncavo com a ponta do morro, que quem se projeta ao encontrar a estrada do Cubatão, e de algum modo será impedida a transmissão de miasmas e exalações morbificas que porventura ali (emitir) se produzam". Reconhecendo e somando méritos, aptidões, tendências, dos integrantes da novel entidade, é inequivel concluir que o senhor de novas técnicas e conceitos era o cientista Ivo Bandi.

O dr. Ivo Bandi, ao chegar a São Paulo, já era professor consagrado internacionalmente pelos trabalhos de soroterapia, então ápice de seus êxitos, em perfeitas indicações. Recomendado por Pasteur aqui estruturará o Instituto Bacteriológico, o insigne Félix Le Dantec, sedimentando-o e abrindo rumos definitivos. Semelhante ação será de Bandi, no Instituto Pasteur, e ao assumir em 1906 a direção do Instituto Soroterápico Toscano podia perfeitamente recordar sua feliz trajetória na cidade de Anchieta. As conseqüências do trabalho inicial vão ser sentidas na continuidade dos labores que vêm até nossos dias, consagração de gerações de cientistas.

Tornara-o famoso uma breve comunicação de sua autoria, e de Terni, publicada no distante 25 de outubro de 1899, com o título "Um novo método de preparação da vacina antipestosa", tendo por base a inoculação do bacilo da peste bubônica na cavidade peritoneal das cobaias. A vacina obtida com exudatos pestosos esterilizados obteria largos resultados no Brasil, sendo adotada oficialmente no Instituto Bacteriológico Federal do Rio de Janeiro, e no congê-

nera de São Paulo.

As memórias concernentes a essas pesquisas ("ação vacinante mais ação protetiva") foram publicadas em Messina (outubro 1899, Tipografia Progresso) e na Revue d'Hygiène, de Paris, do mesmo ano, e mais tarde no Brazil Médico, do Rio de Janeiro, e na Revista Médica de São Paulo (de Vitor Godinho). Repetidas as observações por Bail e colaboradores, Hueppe e Kichnechi, só aumentaram o respeito ao prof. Ivo Bandi, exaltado de forma enfática e definitiva também por Selvato, da Real Academia de Siena, em artigos panegíricos saídos na Gazzetta delle Cliniche e degli Ospedali, com o título Sulla peritonite tubercolare. Weil referendará ainda o proselitismo de Ivo Bandi, com seus soros eficazes, "substâncias vacinantes" e o proselitismo de Ivo Bandi, ao analisar os grandes problemas da Medicina contemporânea, soube apreciar as fases da vacinação antidiférica, com a Soroterapia de Roux, Behring, Park, Renaud, Levy, Zingher e Ramon (este com a anatoxina diférica).

Anos de trabalhos profícuos, metas atingidas nos designios primeiros dos fundadores do Instituto Pasteur, de Piratininga, farta messe de trabalhos em São Paulo elaborados, consagram a passagem de Ivo Bandi por nossa terra.

E vasta sua bibliografia, nesses anos: 1) "Sobre a preparação de um soro antidiférico antibacterioso, seu valor profilático e curativo" (15 de setembro de 1902), ensaio aplaudido por Besredka e Concetti, este no V Congresso Pediátrico Italiano, louvando "as injeções de soro bivalente, como agora vem sendo preparado também no Instituto de Siena, por Bandi, o mais racional e eficaz método terapêutico para as formas muito graves de difteria"; 2) "Vacinação

diférica no homem" (30 junho 1905), com a colaboração de Gagnoni; 3) "Parasitismo celular no Sifilide", com a colaboração do docente de dermosifilopatia Francesco Simonelli, trabalho aplaudido e continuado por Levaditi, grande estudioso da Sifilografia; 4) "Por uma questão de prioridade a propósito da agressina e das vacinas agressivas", etc., etc., etc. Todos esses trabalhos sairiam publicados nas páginas da Revista Médica de São Paulo, de 1906, hoje raridade bibliográfica.

Na verdade, Ivo Bandi, estruturador do Instituto Pasteur dentro dos novos rumos da Microbiologia e Imunologia, por chãos paulistas, deixou as marcas da sua operosidade. Ponto alto do científico do início do século, transplantou as luzes das escolas da velha Europa. Docente de Higiene, diretor do Instituto Soroterápico de Siena, professor da Real Universidade de Toscana, com as mesmas iniciações de Bordet, Calmette, Weil, Concetti, Coppez, Wassermann, Martin, Rist, Scawoner e Lipstein, Wright e Douglas, e muitos mais. Seguidores da ciência pasteuriana, pouco lembrados hoje, expressam vidas dedicadas ao próximo, benemerência, desprendimento, dedicações exemplares à humanidade, homens de eleição, sábios no caminho da santidade.

Ivo Bandi, um pouco da Toscana nas terras de São Paulo. Mensagem a unir a latindade, semeieira com frondes copadas. Ciência e Medicina de alto lavor na memória da pátria paulista.

* Dulio Crispim Farina é presidente da Academia Paulista de História, membro da Academia Paulista de Letras (em sucessão a Menotti del Picchia) e dos Institutos Históricos de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina.

Em 1893 nascia o Arraial de Canudos, fundado por Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro. Página trágica da nossa história, registra a morte de cerca de 30 mil pessoas. Este artigo, de autoria do general-médico e historiador Alberto Martins da Silva, relembra os médicos militares mortos por ocasião daquela sangrenta rebelião de fanáticos.

Médicos militares mortos em Canudos Rebelião completa cem anos

Na trágica Campanha de Canudos (1896-1897), três médicos do Serviço de Saúde do Exército deixaram escritos nos anais da Medicina militar brasileira os exemplos de dedicação à nobre profissão. Os capitães médicos Drs. Fortunato Raimundo de Oliveira, Alfredo Augusto Gama e João Tolentino Barreto de Albuquerque são dignos de todo o nosso respeito.

Dr. Fortunato foi o primeiro a perder a vida nos sertões baianos. Filho de Fortunato Raimundo de Oliveira e dona Emerenciana Angélica da Cruz e Oliveira, nasceu em 8 de março de 1855, na cidade do Rio de Janeiro. Formado primeiramente em Farmácia pela Faculdade de Medicina da antiga Corte, em 1º de fevereiro de 1876, logo foi contratado pelo Corpo de Saúde do Exército, sem contudo ingressar em seu quadro. Somente em 28 de julho de 1883, após vários requerimentos ao imperador, é nomeado alferes e passa a servir na Escola de Aprendizes de Artilharia, deixando sua passagem marcada por suas "qualidades incontestáveis de profissional de mérito e consciencioso no exercício de seu emprego e de excelente cavalheiro", segundo escreveu o seu então comandante. O seu próximo passo foi em direção ao Hospital Militar da Guarnição da Corte, no Morro do Castelo, no próprio Rio de Janeiro, onde atuou como encarregado da Farmácia. Estudioso e inteligente, ingressa na Faculdade de Medicina local, terminando o curso médico em 1888. Assim titulado, conseguiu ser nomeado, por decreto de 16 de março do ano seguinte, tenente-sargento-cirurgião do Corpo de Saúde, tendo sido designado para prestar assistência médica à Comissão das Águas da Serra do Comércio, que trabalhava no serviço de canalização da água para a Corte. Deflagrado um surto de peste na província de Mato Grosso, segue o Dr. Fortunato, em novembro de 1889, para aquela área, em comissão do Ministério do Império, para cuidar das vítimas do flagelo. Seu trabalho lá desenvolvido mereceu do inspetor-geral de Higiene, em nome do Governo, elogios "pela forma com que desempenhou a missão que lhe foi confiada, no atendimento aos indigentes acometidos de epidemia que se manifestou em Corumbá e pelos relevantes serviços que nela prestou".

Cumprida a missão, retorna ao Hospital Militar no Rio de Janeiro, onde continuou o seu trabalho com dedicação e zelo. Nesta cidade, atuou ainda na Enfermaria da Fortaleza de São João e na Enfermaria do Laboratório Piro-técnico de Campinho. Com a reorganização do Exército,

após a Proclamação da República, foi promovido ao posto de capitão, em 27 de março de 1890. Seu trabalho no Laboratório de Campinho durou até o início de 1893, quando foi transferido para o Rio Grande do Sul, onde atuou no Hospital Militar de Porto Alegre. Sua permanência no sul perdurou até o final do próprio ano de 1893, quando retornou ao Laboratório Piro-técnico de Campinho. Na Revolta de 1893, teve atuação destacada no atendimento aos feridos, quando da tomada da cidade de Magé. Volta, em 1896, à Fortaleza de São João e, depois, para o Hospital Central do Exército, antigo Hospital Militar da Guarnição da Corte, ainda no Morro do Castelo.

Com a crise instalada no interior da Bahia, o Serviço Sanitário do Exército, antigo Corpo de Saúde, iniciou um planejamento para o envio de profissionais médicos e farmacêuticos para a área em questão. No início de 1897, o Dr. Fortunato é transferido para o Hospital Militar da Bahia, de onde assistiu aos movimentos iniciais das tropas que se organizavam para partir em direção ao sertão baiano na tentativa de acabar com as ações de Antônio Conselheiro, em Canudos. O Hospital já se ocupava em receber os feridos oriundos do interior, fruto das infrutíferas ações de algumas expedições. Do fracasso anterior resultou a formação de uma nova expedição, chamada Expedição Moreira César. Nesta oportunidade, Dr. Fortunato é desligado de suas funções no Hospital Militar e é incorporado, em 5 de fevereiro de 1897, à Expedição rumo a Canudos, na aventureira caminhada.

Com 1.200 homens, parte o coronel Moreira César, de Salvador, em 17 de fevereiro. O calor intenso, a exaustão da tropa, a falta de meios e os incessantes ataques (escaramuças) dos jagunços de Conselheiro tornavam penosa a marcha e maior o trabalho do médico. A ordem do impetuoso chefe foi o ataque imediato ao reduto adversário. Centenas de mortos e feridos foi o saldo desta arrancada. Os feridos estavam espalhados em toda a área e necessitavam cuidados. O Dr. Fortunato Raimundo de Oliveira atuava no atendimento, naquele 3 de março, quando é atingido mortalmente, em plena atividade profissional. Sucumbiu no cumprimento do dever de sua nobre missão.

O Dr. Alfredo Augusto Gama, mineiro, nascido em 22 de dezembro de 1850, era formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1881, quando defendeu a tese "Tétano". Ingressou no Exército como tenente-se-

gundo-cirurgião, por decreto de 5 de março de 1890. Era filho de Cesário Augusto Gama. Foi promovido, com a reorganização do Exército, ao posto de capitão-médico ainda em março, 27, de 1890. No Rio de Janeiro serviu na Fortaleza de Santa Cruz, quando foi transferido para a Enfermaria de Cuiabá, regressando, em final de 1891, para o Hospital Central do Exército. Em Cuiabá chegou a dirigir o Hospital Militar lá existente. Prestou seus serviços também como médico do Arsenal de Guerra e do Asilo dos Inválidos da Pátria, no Rio de Janeiro. Durante a Revolta de 1893 prestou sua colaboração ao lado das forças legalistas, tendo sido elogiado, em nome do governo federal, pelo comandante das "Forças Floriano Peixoto", pela "valiosa cooperação que prestou como médico às Forças e pela coragem e civismo com que se portou nos combates de 7, 8, 9 e 10, tudo de maio, contra os revoltosos". Todas as suas comissões foram coroadas de elogios à sua condição de médico dedicado e eficiente. Em março de 1897, servindo no Rio de Janeiro, foi transferido para a Bahia para integrar as Forças em Operações. Com o desastre na Expedição Moreira César, o governo federal formou uma nova Expedição sob o comando do general Artur Oscar, então comandante do 2º Distrito Militar, em Recife. Esta Expedição era constituída de duas colunas, sendo a primeira comandada pelo general João da Silva Barbosa, e a segunda pelo general Cláudio Amaral Savaget. Em 30 de março, o Dr. Alfredo Gama seguiu para o interior baiano integrando a segunda coluna no eixo Geremoabo-Canudos, percorrendo as regiões insôpitas de Simão Dias, Barriguda, Tupiá, Serra Vermelha e Cocorobó, enfrentando as dificuldades por um apoio médico eficiente, em face do grande número de feridos e doentes. O Dr. Alfredo Augusto Gama faleceu em combate nas cercanias de Canudos, quando procurava ajudar os que lutavam ao lado do canhão. A sua morte, ocorrida em 29 de junho de 1897, assim foi descrita pelo autor de "Os Sertões":

"Ao fecharem a culatra houve um descuido, o que determinou ao detonarem a espoleta tremenda explosão, comunicada a um barril de cartucho próximo. O infeliz médico foi arrojado ao ar, morrendo instantaneamente e seu corpo ficou transformado num monte informe de carne." Constantino Nery, na obra "A Quarta Expedição contra Canudos. Cem léguas através do sertão. De Aracaju a Queimadas. Diário de Campanha", publicada em 1898, assim narra o episódio:

"29 de junho (terça-feira) — No acampamento da Favela. O tiroeteo continua, se bem que com menos energia. Às 3 e meia da tarde, fez explosão um cofre de munição do canhão 32, devido ao escapamento de gases pela culatra dessa peça, morreu imediatamente o capitão Dr. Alfredo Gama, que voou com a explosão indo cair a muitos metros de distância, completamente carbonizado."

A espada do Dr. Gama foi levada para o Rio de Janeiro, pelo colega de profissão, Dr. João Alexandre de Seixas, onde ficou em exposição. O Dr. Alfredo Augusto Gama honrou sua profissão e a farda que vestiu.

O Dr. João Tolentino Barreto de Albuquerque é nascido no Rio Grande do Sul e formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Iniciou sua vida militar em 22 de fevereiro de 1889, aos 27 anos de idade — nascera a 10 de setembro de 1861, filho do Dr. Fidêncio Pedroso Barreto de Albuquerque — como médico contratado do Exército. Como capitão, promovido em 27 de março de 1890, exerceu várias comissões antes de seguir para o interior baiano na Campanha de Canudos. Prestou seus serviços profissionais nos Hospitais Militares de Pelotas, Santa Vitória, Quarai, sendo diretor de todos eles, e no Hospital de Uruguaiânia, onde atuou como coadjuvante. Transferido para o Rio de Janeiro, participou da Revolta de 1893, recebendo elogios pelo seu desempenho no atendimento médico. Serviu no Laboratório Piro-técnico de Campinho quando, em dezembro de 1896 foi mandado para a guarnição da Bahia. Em 3 de abril de 1897, foi designado para acompanhar a Coluna do general Savaget, tendo, por conseguinte, sido companheiro do Dr. Alfredo Gama. O quadro, que todos nós conhecemos, do avanço em busca da cidade de Canudos, trazia para o atendimento médico um trabalho árduo e sem descanso. O avanço foi penoso para todos.

Em torno da região conflagrada, a luta foi violenta. As baixas cresciam e o trabalho médico redobrou. O Dr. João Tolentino Barreto de Albuquerque, eficiente no seu proceder de médico militar, atendia a todos com o mesmo senso humanitário. Assim, no dia 18 de julho, atuando com sua peculiar coragem, atendia, na linha de fogo, o coronel Carlos Maria da Silva Teles, que fora ferido em combate à frente de sua tropa. Em pleno atendimento, foi mortalmente ferido sucumbindo instantaneamente. Caiu dando o exemplo ao cumprir a missão. Estes três médicos militares honram o Serviço de Saúde do Exército.

Na posse do professor Fábio Schmidt Goffi, dia 20 de maio passado, na diretoria clínica do Hospital Santa Catarina, estiveram presentes à cerimônia cerca de trezentas pessoas, entre elas várias autoridades do mundo científico e cultural.

Saiu o *Quaderni Internazionali di Storia della Medicina e della Sanità*, publicação da Ciso Toscana, cuja revista é dirigida pelo professor Arnaldo Cherubini, grande mestre da história da Medicina mundial, que está radicado em Siena, Itália. Entre os artigos há um do médico luso-brasileiro Divaldo Gasspar de Freitas, intitulado "O primeiro profissional da Medicina no Brasil, mestre João". O articulista relata que na armada de Pedro Álvares Cabral havia um bacharel em Artes e Medicina, conhecido na história simplesmente por mestre João. Era natural da Galiza e desempenhava as funções de físico e cirurgião de el-rei D. Manuel I. Ainda segundo o articulista, "parece que mestre João nada fez em terras brasileiras em prol da Medicina. Sendo verdadeiramente um astrólogo, a sua maior preocupação foi estudar o firmamento brasileiro, descobrindo uma constelação de valor incalculável como guia a que deu o nome de 'da Cruz'". Essa constelação é a que hoje chamamos de Cruzeiro do Sul. O artigo discute outros assuntos e é muito bom.

A Escola Paulista de Medicina comemora, no mês de junho, sessenta anos de fundação. Na programação oficial há várias atividades culturais, científicas, artísticas, religiosas, esportivas e sociais.

O Grupo Surrealista de São Paulo acaba de lançar o primeiro número de sua revista, chamada *Escrituras Surrealistas*. Traz, entre outros artigos, a declaração coletiva assinada por todos os integrantes atuais do Movimento Surrealista, com grupos em Estocolmo, Buenos Aires, Chicago, Madri, Paris, São Paulo, Praga, Lisboa e Austrália, que foi publicada em vários idiomas, em 1992. A declaração é um verdadeiro manifesto a gritar contra a dominação das culturas americanas, o extermínio dos índios, da fauna e da flora, pelos ditos civilizados. Mas não perde a esperança, por saber que as "vozes dos indígenas, apesar da imensa opressão, seguem obstinadamente vivas". Um outro artigo interessante é o *Comunicado*, em que vários componentes do grupo paulista dão o que entendem por surrealismo. De Josifa Aharony, o seguinte: "Mergulhando nos sonhos, aprofundando a realidade, ficar comprometido aos valores adquiridos. As experiências partilhadas, a voz única de cada um, o que o surrealismo dita é a poesia revelada pelo que passa".

De 26 a 28 de maio de 1994 realizar-se-á o V Conclave da Federação Brasileira das Academias de Medicina. O confrade que desejar colaborar poderá, desde já, divulgar o evento em sua área de influência, recomendando aos colegas que enviem os dados pessoais (nome, endereço, RG e CPF) à secretaria geral do Conclave, à rua Estados Unidos, 1.732, CEP 01427-002, São Paulo, fax (011) 816-5777.

G.A.P.